

Eixo temático:

Formação e diversidade

Fenômeno humano e educativo. Compreensões epistêmicas, antropológicas, sociológicas, filosóficas, éticas e estéticas.

Categoria:

Trabalho completo

Título:**TEORIA E PRÁTICA: ENTRE O PENSAR E FAZER EDUCAÇÃO.****Autor**

Edinaldo Enoque Silva Junior

Instituição:

Unijui - Universidade do Noroeste do Rio Grande do Sul.

Resumo:

O presente trabalho teve como objetivo entender como se dá a relação entre teoria e prática no contexto educacional. Desse modo, buscou-se a partir da leitura de escritos sobre teoria e prática educacional compreender como se processa o aprender em nossos alunos e juntamente como a pesquisa de campo entender como o discurso dos professores é construído em torno da sua prática docente, bem como esses mesmos docentes analisam sua práxis.

Palavras-chave: educação, teoria, prática.

Introdução

Esse trabalho procurou entender como professores compreendem o processo de aprender. Num primeiro momento procuramos responder mesmo que de forma parcial e inconclusa a pergunta: como o aluno aprende? A partir das leituras de trabalhos de pensadores como Vigostiki (2003), Piaget (1983), Chiarottino (1988), Mizukami (1986) e Becker (2001), por exemplo, procuramos entender como o aluno aprende e quais são alguns dos modelos epistemológicos que se acredita que isso ocorra.

Logo, procuramos cruzar pesquisa de campo e teoria para entendermos como os professores compreendem o aprendizado e como observam sua prática.

A entrevista consistiu em quatro perguntas: como você define aprendizagem? Qual o papel do professor no processo de aprender? Qual o papel do aluno nesse processo? Que recursos você utiliza para que a aprendizagem ocorra?

Acreditamos que a partir dessas perguntas foi possível entender melhor como se dá a relação ensino aprendizagem em diálogo com as teorias de ensino aprendizagem, e como os professores organizam suas respostas e suas propostas de ensino em torno desses conceitos conscientes dele ou não.

As entrevistas tiveram como objetivo fazer o professor refletir sobre sua práxis. Desse modo,

foram estruturadas as quatro perguntas de modo que não pudéssemos limitar sua argumentação.

Desenvolvimento

Como o aluno aprende?

Muito já se pesquisou e muito já se escreveu sobre ensino aprendizagem. No entanto, muito ainda precisa se escrever, pesquisar e aprender sobre ensino aprendizagem. Tendo em vista que nossas sociedades tornam-se cada vez mais complexas, é preciso sempre levar em conta que o processo de aprender e ensinar deve capacitar nossos jovens aos desafios complexos da contemporaneidade.

Nosso objetivo é contribuir para os estudos do ensino aprendizagem levando em consideração não resultados de novas pesquisas laboratoriais, mas a partir de professores que estão no dia a dia em sala de aula com seus alunos colocando em prática, cientes ou não, de muito do que foi pesquisado e escrito sobre como se aprende e como se ensina.

Por esse motivo esse trabalho é um cruzamento de revisão bibliográfica e entrevistas com o intuito de pensarmos como apreende aquele que ensina seu ato de ensinar. Também é de refletirmos como a universidade ensina seus futuros professores e como ele (professor enquanto aluno) aprende.

Todo conhecer é um conhecer complexo. Independente da teoria psicológica, biológica, social, antropológica que tente responder a pergunta de como o aluno aprende. Todo conhecer envolve muita complexidade mesmo quando a teoria seja reducionista ou simplista.

O ser humano por estar envolto dentro de uma organização complexa chamada sociedade comporta em si de antemão ao seu nascimento um desígnio de cultura. E essa cultura vai imprimir no ser humano ainda criança algumas características que ele “deverá” desenvolver ainda menino, ainda menina para poder viver com os outros e ser tratado como igual. Isso não é reduzir o aprendizado ao culturalismo, mas é dentro da cultura que determinado membro poderá ou não ir além dela na compreensão do ser humano. Ou seja, ao mesmo tempo em que a cultura possibilita ao indivíduo ir fundo no conhecimento humano, também ela, cultura, pode limitar esse conhecimento a ponto de torna-lo crime, como na Idade Média ou no mundo mulçumano extremista, por exemplo.

Religião, casamento, trabalho, alimentação, comportamento sexual, roupas, são, por exemplo, conceitos ou modelos a ser ensinado e aprendido pelos jovens membros de uma sociedade.

Entretanto, não devemos somente à cultura seu caráter de organização de aprendizagem e ensino, é importante levar em consideração outros fatores como meio ambiente, clima, temperatura, relevo, fatores genéticos, filogênicos que influenciam sobremaneira a organização social, cultural e individual dos sujeitos como, por exemplo, povos ribeirinhos que precisam se organizar dentro da sua estrutura ambiental e de coletividade para viverem, bem como povos silvícolas e urbanizados que organizam-se de modo diverso dentro do meio onde vivem.

Dentro desse processo de aprendizagem e ensino tão importante quanto a cultura e o meio ambiente, são as disposições genéticas, as capacidades individuais que todo ser humano em condições normais têm para aprender e se desenvolver dentro de um conjunto social.

O ser humano tem condições de aprender tudo àquilo que lhe for ensinado ou tudo

aquilo que possibilite o acesso ao conhecimento. Se lhe for ensinado, o tempo de compreensão pode ser reduzido, mas nada impossibilite também a compressão e o aprendizado de modo individual e autodidata, no entanto, o tempo que se levará a compreensão será maior. Por outro lado, não podemos limitar o conhecimento a verticalizações de saberes. Há momentos em que o conhecimento se dará por descoberta (Ausubel) bem como em relação professor aluno e o meio (Piaget, Vigotski).

Dessa complexidade há ainda há a filogênese. Aquilo que o ser humano aprende em conjunto com seu contato ambiental, social e das interferências vindas de alhures, de outros povos, culturas e ambientes.

O processo de aprender relaciona ecologia, cultura, genética, o ego, o poder de organização e reorganização do conhecimento em inúmeras variáveis. Edgar Morin (2011) elucida-nos no Método 2 esse processo de modo esclarecedor.

Por ora, sem reduzir o ensinar e o aprender aos citados a cima, pelo contrário, para elucidar que o processo de ensino aprendizagem pode ser muito mais complexo do se supõem, elencamos que as teorias educacionais de ensino aprendizagem se concentram prioritariamente no indivíduo.

No esquema sucintamente elencado acima; ecologia, cultura, genética, etc, o indivíduo é elemento fundamental no processo de ensino aprendizagem. O que ressaltamos aqui é que por vezes o indivíduo é pouco levado em consideração na sua individualidade, ou seja, como esse indivíduo torna aquilo que é.

E essa ideia de individualidade não pode estar afastada da ideia de sujeito (ver Touraine, referências) tal seja aquele que se organiza internamente e que se diferencia dos outros por sua constituição psíquica, corpórea e espiritual. Mas a pergunta como o aluno aprende? Deveria vir seguida de outras: porque aprende e para quê aprende? Só saber como o aluno aprende não parece suficiente dentro de conjuntos sociais, culturais e políticos que requerem tanto o saber quanto a ação sobre o saber e seu uso no meio onde se vive.

Parece-nos que tão importante quanto o professor saber como se sabe, é o professor juntamente com a comunidade no qual estar imerso pensar o que fazer com aquilo que se sabe.

Essa preocupação não parece ser a mais frequente quando se estuda métodos de ensino aprendizado devido, nos parece, à fragmentação dos saberes (ver Morin). Mas pensando em termos mais amplos, no ser humano e suas relações sociais, coletivas e individuais deveríamos pensar essa interconexão dos saberes em termos mais complexos. Por outro lado, também é importante levarmos em consideração a autonomia do pensar científico, ou nas palavras de Piaget *apud* Morin (2011, p. 201): *Uma teoria científica elabora-se e desenvolve-se conforme sua própria natureza, como um órgão vivo é concebido e cresce seguindo um processo independente do papel econômico ou social que poderá desempenhar.*

Como o aluno aprende? Dentro das teorias do aprendizado encontramos vários métodos como os pesquisadores analisaram, pesquisaram e concluíram como esse aprendizado se dá. Na realidade educacional muitos professores não pensam nesse modo de aprender do aluno ou se pensam muitas vezes de forma bastante rasa, chegando mesmo ao senso-comum. A culpa é dos professores? Das instituições de formação desses professores? Da falta de políticas preocupa-

das com o ensino continuado desses docentes? O interesse desse trabalho não é responder essas perguntas, por mais que elas sejam importantes, mas sim verificar como o professor pensa a sua prática.

A abordagem comportamentalista e o ensino aprendido

De acordo com a abordagem comportamentalista o conhecimento se caracteriza pelo primado do empirismo. Dentro dessa postura o indivíduo aprendente é um receptáculo, uma tabula rasa. O conhecimento vai sendo impresso nele de acordo com interesses externos a ele. Nessa postura toda prática educacional é verticalizada o professor é detentor absoluto do conhecimento e assim imprime sua marca, a marca da comunidade no aluno.

Nessa estrutura de ensinar-saber o aluno fica a mercê de forças externas e alienado àquilo que se espera dele e que ele responda aos estímulos externos.

O conteúdo transmitido visa objetivos e habilidades que levem à competência. O aluno é considerado como um recipiente de informações e reflexões [...] a educação, decorrente disso, se preocupa com aspectos mensuráveis e observáveis. (MIZUKAMI, 1983, p. 20)

No comportamentalismo, o projeto político-pedagógico (se é que podemos usar esses termos) define prioritariamente os tipos de comportamentos a se desenvolver nos alunos. O professor deve aprender a analisar os elementos específicos desses comportamentos e seus padrões de modo a ganhar controle sobre eles e tirar o melhor proveito em suas aulas.

O comportamentalismo vê o ser humano como simples produto do meio. É o meio que dita e organiza as estruturas de aprendizagem e comportamento de seus membros. Por isso é de grande importância ter conhecimento do meio para poder fazer com que seus membros não se tornem seres desviantes e portadores de condutas desagradáveis à estrutura social e ameace o *status quo*.

A educação nesse processo como ressalta Mizukami a partir de suas leituras de Skinner está intimamente ligada à transmissão cultural. *É quase impossível ao estudante descobrir por si mesmo qualquer parte substancial da sabedoria de sua cultura.* (Skinner apud Mizukami, 1986, p. 27).

Evidencia-se assim que:

A educação deverá ser responsável por transmitir conhecimentos assim como comportamentos éticos, práticas sociais, habilidades consideradas básicas para a manipulação e controle do mundo/ambiente cultural e social. [...] é necessário mencionar que, na fixação de critérios de desempenhos adequados, são consideradas igualmente: as exigências da agência educacional, as exigências de outras agências a ela ligadas, tais como família, grupos, as exigências da própria sociedade. Dessa forma, os centros decisórios, em sua maioria, encontram-se fora de cada situação particular de ensino aprendizagem. (idem, p. 27)

Observa-se no modelo comportamentalista uma moldagem vertical em relação ao ensino aprendizagem. O comportamento é moldado a partir da estimulação externa. Portanto, o indivíduo não participa das decisões curriculares que são tomadas por um grupo do qual ele não faz parte, mas que deverá acatar as decisões e procedimentos pelo grupo tomada. O indivíduo está à mercê de forças externas que esperam dele respostas pré-ordenadas.

Pelo espaço e interesse de nosso trabalho, não conseguiremos nos estender na análise detalhada de cada teoria em torno do ensino aprendizagem. Pelo exposto já é possível sinalizar que educação aqui não leva em consideração o aluno. Não leva em consideração os desejos desse aluno e muito menos a realidade no qual esse aluno está inserido nem sua individualidade. Essa proposta visa ordenar a sociedade de modo a criar indivíduos obedientes e cumpridores daquilo que lhes for dado. Mediante compensações e punições, visa enquadrá-los num sistema dado de vontades exógenas.

Dentro da nossa pesquisa não encontramos professores que sinalizem para uma prática educacional desse tipo e que sinalize que o aluno aprende desse modo.

A educação diretiva e seus pressupostos

Fernando Becker (2001) no livro *Educação e construção do conhecimento* mais especificamente no capítulo intitulado *Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos* faz-nos compreender melhor como se articula o pensamento em torno dos processos de ensino aprendizagem. Ele distingue três modelos pedagógicos que em seu ver serve de entendimento para os modelos teóricos ou epistêmicos de aprendizagem. Pensamos ser importante um apanhado mesmo que sucinto desses três modelos porque encontramos na pesquisa de campo, respostas dos nossos interlocutores que se relacionam pelo exposto por Becker em seu trabalho.

Dentre os modelos estudados, Becker inicia sua exposição com o modelo da Pedagogia Diretiva. Nesse modelo o processo de ensino cabe inteiramente ao professor. Não no sentido de impor todo um programa social, familiar, cultural e de comportamentos desejáveis como na teoria comportamental, mas é muito similar a ela quando afirma que o professor deve transferir conhecimento ao aluno e que o aluno não consegue fazer a construção de conhecimentos sem a interferência do professor.

No modelo diretivo sobrepõe-se a ideia de que o professor é o sujeito do conhecimento e de que o aluno é objeto. Assim como no comportamentalismo o aluno é uma folha em branco, bem como no empirismo de John Locke.

Aqui o professor imprime o conhecimento que julgar importante nesse aluno. No modelo diretivo segundo Becker (2001, p.17): *O professor considera que seu aluno é tábula rasa não somente quando ele nasceu como ser humano, mas frente a cada novo conteúdo estocado na sua grade curricular, ou nas gavetas de sua disciplina.*

Ainda nas palavras de Becker, (idem, p.18): *o produto pedagógico acabado dessa escola é alguém que renunciou ao direito de pensar e que, portanto, desistiu de sua cidadania e do seu direito ao exercício da política no seu mais pleno significado.* Para aquele que se preocupa com um fazer pedagógico onde exista uma relação de troca entre aprender e ensinar pode ser preocupante uma tal metodologia.

Becker destaca ainda que essa é a prática educativa mais comum entre os professores atualmente. No entanto, vale destacar que na pesquisa de campo não encontramos respostas que condiga com esse método: Sujeito professor – aluno objeto.

Entretanto, e dando sequência a sua exposição sobre modelos pedagógicos e modelos epistemológicos, Becker ressalta outro modelo que segundo ele é menos comum na prática (modelo pedagógico) do que na teoria (modelo epistemológico). Becker define esse modelo de pedagogia Não-diretiva. Nesse modelo, Becker destaca que a principal característica é que o professor é um auxiliar do aluno, um facilitador.

Modelo não diretivo e seu pressuposto teórico-prático

Em termos epistemológicos o modelo não-diretivo se destaca pelo inverso do modelo diretivo. Enquanto no primeiro destaca-se a ideia de que o professor é o sujeito e o aluno objeto, no modelo não diretivo ocorre o inverso: o professor é o objeto o aluno sujeito. Como se dá isso? O professor passa nesse momento a intervir o minimamente possível nos interesses do aluno. Segundo esse método, o aluno já possui conhecimento e interesses prévios e o professor teria a função somente de recheiar esse conhecimento com mais informações dado o interesse ou não do aluno.

Essa pedagogia ao contrário da ideia de tabula rasa é apriorística, ou seja, acredita que o aluno já possui conhecimento prévio oriundo geneticamente: *O professor, imbuído de uma epistemologia apriorista – inconsciente, na maioria das vezes - renúncia àquilo que seria sua característica fundamental da ação docente.*

A partir disso perguntamos: dos professores entrevistados existe algum que compactua de ideia semelhante?

F.F, 30 anos professor de geografia responde desse modo a pergunta: como você define aprendizagem? *A aprendizagem, para mim, é o resultado de um processo interativo entre o indivíduo que busca determinado conhecimento e o indivíduo ou objeto portador do mesmo.*

Seguindo essa lógica F.F cai consciente ou não no modelo não-diretivo destacado por Becker. Perguntado qual é o perfil do colégio onde ele atua, ele afirma que é preparatório para vestibulares. Ora, sabe-se que cursos preparatórios para vestibular têm como característica o inverso: O professor deve repassar o máximo possível de conteúdos aos seus alunos para torná-lo aptos aos exames, ou seja, bem mais próximo do modelo diretivo do que o contrário. É a partir de respostas que parece não coincidir com a relação teoria-prática que nos é possível pensar na formação dos professores quanto conhecedores ou não dos mecanismos de aprendizagem dos seus alunos e dos reais objetivos desses professores em sala de aula.

No entanto, quando perguntado qual é papel do professor no processo de aprender? F.F completa: *O professor precisa, necessariamente, ser o provedor do conhecimento. Para isso, necessita estar subsidiado por conhecimentos práticos e teóricos suficientes para suprir as necessidades dos alunos.*

Na segunda questão F.F parece dar uma sequência lógica no discurso não-diretivo: de que é o aluno que deve ter suas necessidades sanadas pelo professor, e que cabe aqui o professor estar munido de conhecimentos para tanto.

Segundo Becker essa pedagogia não é gratuita. O professor talvez não se dê conta, mas sua pedagogia está permeada de apriorismo:

Uma pedagogia desse tipo não é gratuita. Ela tem legitimidade teórica: extrai sua fundamentação da epistemologia apriorista. O professor parece, no entanto, não tomar consciência disso. Essa mesma epistemologia, que concebe o ser humano como dotado de um saber “ de nascença”. (BECKER, 2001, p. 25)

O pensamento apriorista e de nascença ressaltado por Becker na pedagogia não diretiva parece coadunar com a afirmação da terceira resposta de F.F. Dessa vez a pergunta foi: qual o papel do aluno no processo de ensino aprendizagem? *O papel principal é do aluno, pois o conhecimento ou a aprendizagem só se dá mediante a vontade do educando de aprender.* Afirma.

Posto isso, (a entrevista com F.F) trazemos a baila um elemento importante para somar a partir do texto de Becker. Qual é? Parece muito mais fácil encontrar professores que acreditam na teoria apriorística e que defendem um modelo pedagógico não-diretivo do que pode-se se supor.

Na sequência do seu texto, Becker analisa um terceiro modelo pedagógico e epistemológico chamado de Pedagogia relacional. Aqui ele analisa a importância da obra de Piaget para o pensar e fazer educação. Ressalta a importância de uma pedagogia voltada não unilateralmente para a ideia de sujeito-objeto da pedagogia diretiva muito menos para o objeto-sujeito da pedagogia não diretiva.

Pedagogia relacional e a construção dos saberes

Becker destaca a importância de uma pedagogia relacional onde professor e alunos encontram-se no ato do ensino aprendizagem na mesma categoria de aprendentes e ensinantes.

Logo, construtivismo é o modelo pedagógico que visa relacionar o que o aluno aprendeu e de modo dialógico contribuir para que o aluno construa novos saberes a partir do que ele possui. Esse professor: *Acredita que tudo o que o aluno construiu até hoje em sua vida serve de patamar para continuar a construir e que alguma porta se abrirá para o novo conhecimento – é só questão de descobri-la; ele descobre isso por construção.* (Becker, 2001, p. 24)

A base hereditária, bem como a importância do meio social para o professor relacional tem sua importância, mas a balança não pende para nenhum dos lados. De acordo com essa proposta pedagógica todo conhecimento se dá de fato de modo relacional e a importância do que se tem aprendido é de suma importância. *O professor acredita que o aluno é capaz de aprender sempre* (idem, p.26).

O professor, além de ensinar, precisa aprender o que seu aluno já construiu até o momento – condição prévia das aprendizagens futuras. O aluno precisa aprender o que o professor tem a ensinar.

Segundo a professora N. G, 45 anos sobre a pergunta como você define aprendizagem? *Processo de construção do conhecimento, sendo o professor mediador. Aluno e professor constroem conhecimento através da troca de informação, pesquisa, estudo e experiência.*

Aqui o professor ajudará na construção diária de novos saberes. *Será um mediador junto ao aluno, propiciando momentos de reflexão e experimentação do conteúdo.* N. G afirma quando questionada sobre o papel do professor no processo de aprender.

E os alunos? Segundo Piaget e Becker os alunos construirão, a cada dia, a sua discência, ensinando aos colegas e ao professor, novas coisas, noções, objetos culturais. A ideia de N.G. não

foge das definições dos autores quando afirma que o papel do aluno é: *aprendiz que busca junto ao seu professor, apropriar-se de conhecimento e valores, construindo referências teórico-prático para vivência em sociedade.*

Podemos verificar com as entrevistas que um número maior de professores sinaliza que o ato de ensino aprendizagem é um processo de construção, onde trocas de conhecimento e informação tendem a ultrapassar aquilo que Becker define como “dogmatismo do conteúdo” e superar a “disciplinas policialescas” e a “figura autoritária do professor”.

Segundo M. B, 47 anos: *aprendizagem é uma troca de saberes, onde ambas as partes (professor e aluno) devem agir e interagir no processo.*

Dentro da mesma perspectiva em torno da ideia de interação e construção do conhecimento a professora. S. A, 22 anos afirma que a aprendizagem se define por:

Um processo contínuo, podendo ocorrer de várias maneiras e lugares, ou seja, não somente em sala de aula. A aprendizagem tem a ver com um processo de humanização, essa nova roupagem, ou melhor, esse novo olhar que se tem perante a aprendizagem desafia tanto professor quanto o aluno, pois juntos caminham para alcançar um projeto comum e sair da zona de conforto.

Frente às profundas transformações que observamos na educação, na sociedade, nas mudanças de comportamentos juvenis, a rápida transformação das identidades e o caráter cada vez mais pragmático que cerca o mundo do trabalho temos de pensar uma educação que ao mesmo tempo em que prepara seus alunos para os conteúdos programáticos prepara-os também para o mundo da vida e das relações humanas. Isso parece possível tendo em vista uma educação que priorize o diálogo, a troca e a construção de saberes voltados para autonomia, a liberdade e o respeito às diferenças.

Práticas pedagógicas onde os alunos são tratados como meros receptáculos de conhecimentos pensados longe da sala de aula, ou que o aluno não consiga agir sobre aquilo que lhe será dado como conhecimento está longe de respeitar o aluno no que ele tem de mais sagrado: sua individualidade.

Por outro lado, observamos que práticas educacionais que não levam em consideração a figura do professor como ser de saber e joga a responsabilidade do saber toda para o aluno, esconde-se dentro de uma ideia de apriorismo que só faz aumentar as desigualdades sociais, tendo em vista que o aluno que não tem bagagem cultural, social, etc. não terá muito o que buscar do seus professores aprioristas. Conseqüentemente uma educação de construção e diálogo, de respeito de ação ainda parece ser uma proposta importante para o se fazer e pensar educação nos dias de hoje.

Considerações

Esse trabalho teve o objetivo de responder a pergunta: como o aluno aprende? Para chegar a uma resposta buscamos na pesquisa de campo juntamente com professores informações que nos habilitasse essa compreensão. No entanto foi necessário analisar textos que nos subsi-

diassem nesse cruzamento teoria e prática. Desse modo, buscamos a partir das respostas dos nossos interlocutores métodos ou modelos pedagógicos que pudessem nos explicar por que determinado professor exerce sua prática docente desse ou daquele modo. Ciente de que não exaurimos o debate, pelo contrário, sabemos das suas limitações procuramos, no entanto, compreender como as teorias permeiam a prática docente mesmo quando esse parece não ciente das respostas que dão ou das teorias que praticam. Como é o caso, por exemplo, do professor não diretivo em teoria que trabalha num colégio de preparação para vestibulares que precisa mais do que nunca ver seus alunos como objetos e não como sujeito. É uma inversão de papéis que não é possível no tipo de estabelecimento e de método que se espera.

Por outro lado, encontramos professores que parecem cientes de sua postura “ideológica” em torno do seu fazer educação em consonância com a teoria. Assim vimos às três professoras tecendo argumentos de como o aluno aprende usando conceitos oriundos do construtivismo piagetiano.

Sabemos da importância das ideias de Vigostiki, bem como dos estudos de Ausebel, por exemplo, não adentramos nos meandros de seus pensamentos tendo em vista a não relação desses autores e de seus conceitos com as respostas que obtivemos nas entrevistas. Desse modo, para evitarmos sermos exaustivos procuramos relacionar as teorias e práticas pedagógicas em simbiose entrevistas-teoria.

A resposta a pergunta de como o aluno aprende é inacabada e mais e mais pesquisas estão em desenvolvimento outras tantas teorias caíram por terra mas a importância de ler e estudar sobre teoria do aprendizado sempre é importante quando se pensa em melhorar a prática pedagógica em vistas de pensar um ser humano melhor e mais completo.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001

CHIAROTTINO-RAMOZZI, Zélia. **Psicologia e epistemologia genética de Jean Piaget**. São Paulo: EPU, 1988

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986

MORIN, Edgar, **Método 2, Natureza da Natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2003

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética/ sabedoria e ilusões da filosofia/ problemas de Psicologia genética**. São Paulo: Abril, 1983.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TOURAINÉ, Alain. **Iguais e diferentes: podemos viver juntos**. Lisboa: Piaget, 2005

